

POR QUE FALAR AO BEBÊ SE ELE NÃO COMPREENDE?

Severina Sílvia Ferreira¹

Resumo:

O “manhês”, um modo especial de fala que a mãe dirige ao bebê, possui características que lhe são próprias, tanto do ponto de vista de sua organização (dialógica), como de sua forma (léxica), de sua estrutura (sintática) e de sua prosódia. O “diálogo mãe-bebê”, construído, com o “manhês”, a partir de significados que a mãe atribui aos sinais produzidos pela criança, se faz com base na função materna. Através da transgressão e observação das leis da linguagem, pode-se observar as operações de causação do sujeito: alienação (tempo da relação dual, com prevalência do “manhês”) e separação (tempo lógico posterior, com prevalência da língua do interdito).

A mãe fala ao bebê de uma forma bem especial. Aqui, como nos Estados Unidos, na Rússia, na Suécia e em muitas outras culturas, como revelam as várias pesquisas já realizadas (P. Kuhl e outros, 1997) Esse modo particular que caracteriza a fala materna ganhou até um nome, que se tem propagado entre os vários pesquisadores do mundo inteiro: “motherese”. Nós, brasileiros, a chamamos, segundo a região a que pertencemos, de “manhês” ou “maternalês”.

O “manhês” tem atraído o interesse principalmente de psicolinguistas. Mas, nós, psicanalistas, procuramos tirar partido das informações que esses especialistas nos trazem. Para mostrar o que é o “manhês” e que efeitos esse tipo de fala materna pode produzir na criança, eu apresento um fragmento de um “diálogo” observado entre uma mãe e seu filho de três meses, desenvolvido durante uma refeição do bebê. A criança encontrava-se recostado numa cadeirinha de bebê, tendo a mãe à sua frente, tinha

¹ Psicanalista, doutoranda em Linguística (UFPE), membro de Interseção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: severinasilviaferreira@hotmail.com.

tomado bastante suco que a mãe lhe oferecera, o que a deixara muito satisfeita. Mantendo a mesma posição, ela fala ao bebê da seguinte forma (v. convenções no final do texto):

Turno 8 - Mãe - tão lindo de mamãe \ cadê o menino de mamãe / menininho de mamãezinha /

Turno 9 - Bebê - vocaliza uma vez.

Turno 10 - Mãe - sim mamãe sim \

Turno 11 - Bebê - vocaliza uma vez.

Turno 12 - Mãe - sim mamãe sim \ sim mamãezinha sim \

Turno 13 - Bebê - vocaliza duas vezes.

Turno 14 - Mãe - é mamãe \ é \ diga prá mamãe \ conte prá mamãe \ conte prá mamãezinha \ conte \

Turno 15 - Bebê - vocaliza duas vezes.

Turno 16 - Mãe - conte \ (rindo) conte \

A análise desse “diálogo” mostra que as realizações linguísticas maternas (toda a fala produzida pela mãe) são formadas por um conjunto de elementos encontrados, regra geral, na fala que as mães dirigem aos seus filhos pequenos:

- a) quanto à forma das palavras: nós temos a presença de diminutivos (menininho, mamãezinha), repetições (mamãe, sim, conte);
- b) quanto à estrutura sintática das frases: aparecem sentenças pequenas e simplificadas (“tão lindo de mamãe\” “sim mamãe sim\” “diga prá mamãe\”);
- c)]quanto aos traços paralinguísticos: o timbre de voz é mais agudo, nota-se uma linha melódica traçada com curvas entonacionais ascendentes e descendentes bem marcadas, e pontos silábicos que se destacam pelo tom mais forte com que são regularmente produzidos (“lin” em “lindo”, “mãe” em “mamãe” e “zin” em “mamãezinha”).

Nós sabemos como o “manhês” opera como uma linguagem significativa para o bebê, na medida em que suscita reações de sua parte. Ora, são justamente os aspectos dinâmicos da fala materna (os traços prosódicos), e não apenas os aspectos estáticos (as

palavras articuladas sem os elementos prosódicos), que fazem o bebê preferir a voz materna em vez da voz de outra mulher.

Esse recorte é chamado de “diálogo” porque mostra uma organização dialógica, ou seja, as realizações maternas (frases construídas pela mãe) e as do bebê (vocalizações) são produzidas sequencialmente, seguindo o modelo padrão conversacional, que tem como regra fundamental “fala um de cada vez” (H. Sacks, M. Schegloff e G. Jefferson, 1974). De acordo com essa lógica interlocutória, as conversações desenvolvem-se através da sequência de turnos de fala (L. A. Marcuschi, 1986), ocupados sucessivamente por um e por outro participante do diálogo (como no fragmento recortado, no qual a mãe ocupa os turnos pares e o bebê os turnos ímpares). A alternância dos falantes cria uma interdependência entre os turnos, visto que a realização do turno seguinte exige a interpretação do turno anterior.

No caso do diálogo mãe-bebê, é a mãe quem faz esse trabalho interpretativo, de “tradução”, atribuindo às vocalizações do bebê uma significação. Uma vocalização significa “sim mamãe sim\”, duas vocalizações, às quais a mãe atribui valor significativo distinto, provavelmente em face da ocorrência de dois elementos na formação da cadeia (e não mais apenas um), são “traduzidos” como “é mamãe é \ diga prá mamãe \ conte \” (S.M.O.Ferreira, 1990, 1995). Os sinais do infans recebem da mãe um sentido, atribuído pela interpretação materna, que, por sua própria realização, converte em mensagem aquilo que poderia não ser mais que uma mera reação orgânica.

Em que essa formação dialógica é fundamental para o bebê? Ela vai apontar para a função materna. Dirigindo-se ao bebê e construindo com ele (e para ele) uma sequência de turnos de fala que tem a estrutura de um diálogo, a mãe exerce a função materna, porque, através de seu olhar e de sua voz, o bebê deixa de ser puro real, puro organismo, e é elevado à categoria simbólica, colocado que é na posição de “interlocutor”.

Desse modo, as manifestações do bebê são transformadas em “atos protoconversacionais” (J. Dore, 1979, J. Bruner, 1981 e S. Levinson, 1983), por compreenderem um conjunto de elementos produzidos em sincronia com a mãe: a atenção focalizada no mesmo tópico (no caso do “diálogo” referido o tópico é a “conversação” que se mantém entre mãe e bebê), o olhar dirigido à mãe (ao qual ela corresponde), o sorriso (recíproco), os movimentos articulatórios (que produzem a vocalização), a imitação dos movimentos labiais da mãe, etc. E na medida em que as manifestações do bebê são convertidas em “protoconversas”, ele é elevado ao estatuto

de “interlocutor” da mãe. É nessa posição de “interlocutor” que ele tem algo a dizer-lhe, a responder-lhe, a revelar-lhe, o que aponta para a incompletude materna. Há algo que falta à mãe, há algo que ela não sabe: o bebê é significado como aquele a quem a mãe dirige a questão: “Que vuoi?” Ao mesmo tempo em que a mãe é “onipotente” para “saber” “o que quer um bebê?” (ele tem fome, sente frio, está molhado, demanda a sua presença), ela atribui ao seu bebê “saberes” que ela não partilha. Isso se verifica quando se observa a troca de lugares: ora a mãe é a mãe do bebê, ora ela é o bebê, a depender das identificações e projeções que se operam.

Esse trabalho de interpretação realizado pela mãe supõe que ela escuta significantes onde, a rigor, existiria apenas uma realização sonora não identificável como elemento linguístico (segmental ou suprasegmental) pertencente à língua da comunidade dos pais da criança. É o que D.W.Winnicotti chama a “loucura necessária das mães” (in M.C.Laznik-Penot, 1997, p.21), loucura de por na boca do bebê respostas para a insatisfação de seu desejo. Ao mesmo tempo, é no “tesouro dos significantes do Outro materno” (J. Lacan) que essa tradução se faz: com obediência (parcial) às leis da linguagem (ao código, às regras fonológicas, morfossintáticas e semânticas, enfim, à estrutura da língua materna).

A transgressão materna operada ao nível da linguagem se observa, por exemplo, quando a mãe, cuidando de seu bebê, procura aproximá-lo do seio, ajudando-o a alcançar o seu mamilo para que tenha início a amamentação. Verificando os “esforços” do bebê, que abre a boca e se movimenta em direção ao seio, ela diz: “pon::tu\” (produção modificada da palavra “pronto”). Ocorre aí um alongamento da primeira sílaba, a eliminação da consoante /r/ e uma entonação descendente que marca a produção com uma linha melódica, traços frequentemente observados na fala “manhês” (S.M.O. Ferreira, op.cit.). No entanto, apesar das alterações introduzidas, é possível reconhecer-se aí a língua materna dos pais da criança.

Indagar-se a propósito das modificações efetuadas pela mãe não seria sem razão. Para alguns psicolinguistas, essa maneira de falar - “parentese” - parece servir para chamar a atenção dos bebês, comunicar e despertar emoções. P. Kuhl e colaboradores (1997) afirmam que o “parentese” é uma ferramenta para demonstrar afetividade, mas a forma caricatural com que as vogais são pronunciadas ajudariam os bebês a distinguir os traços distintivos. De acordo com a classificação empreendida por R.Grenson (1954) e I. Fonagy (1983), existem os sons “adocicados”, ligados à sucção ou ao erotismo oral, como o /m/, e os sons duros, ligados às energias pulsionais agressivas, como as

consoantes oclusivas surdas (explosivas). Essa poderia ser a razão da elisão do som /r/ da palavra “pronto”, transformada em “pon::tu” no “manhês”.

Em momentos em que a expectativa materna em relação às manifestações do bebê são contrariadas, a mãe pode abandonar o “manhês” e falar à criança de um modo natural, ocasião em que ela não imprime à sua voz e à sua fala os traços característicos do “motherese”. Isso pôde ser observado, por exemplo, em certa ocasião em que um bebê com idade inferior a três meses, após ser amamentado, regurgitou subitamente, devolvendo parte do leite ingerido, derramando-o sobre a roupa limpa. Nesse momento, a mãe expressou sua fúria dizendo, num tom de voz uniforme e grave, falando rapidamente, como se estivesse se dirigindo a uma criança maior: “ta vendu / sujou todinho tá vendu / “ (S.M.O. Ferreira, op.cit.).

Os elementos da fala “manhês” são muito próximos dos elementos musicais. Por isso, conforme M.F. Castarède (1991), pode-se dizer que o “motherese” é musical. Nas canções de ninar a melodia é simples e, como no “motherese”, os sons são repetitivos e rítmicos. Desse modo, o espaço sonoro distinguir-se-ia como o primeiro espaço psíquico, constituindo-se esta corporeidade sonora da linguagem como vetora de todo um prazer para a criança. Emitindo sons, a partir do balbucio, a criança estaria recriando alguma coisa a partir do que ouve da mãe, identificando-se com ela. Ocorre que as modificações (propriedades do “motherese”) revelam uma das faces da alienação. Uma outra face se verifica no nível do conteúdo, ou seja, quando significados são atribuídos pela mãe a sinais emitidos pelo bebê.

Assim, transgredindo e obedecendo as leis da linguagem, a fala materna aponta para os dois registros referidos: o registro da alienação, que, de acordo com J. Lacan (1979), transforma o grito de necessidade do bebê em demanda do Outro, o que, num primeiro tempo (lógico) aliena a criança. É o registro próprio do “manhês”², chamado por J. Hassoun, língua do materno (in M.C.Laznik-Penot, op.cit). E o registro da separação, próprio da língua materna³, sustentada pela ordem simbólica, e, por isso, capaz de operar o corte necessário para fazer surgir o sujeito.

Na verdade, são esses dois registros, alienação e separação, que remetem às operações de causação do sujeito (J. Lacan, op.cit.), uma vez que, enquanto o “manhês”

² O “manhês” não é uma realização exclusiva da mãe: é uma produção da mãe e do bebê, uma “língua” particular dos dois.

³ Língua materna é como os lingüistas chamam a língua própria de um povo, ou, mais rigorosamente, de uma comunidade lingüística. Sabemos que esse é um termo impróprio, uma vez que a língua não é da mãe, ela vem de fora, do outro (mais exatamente do Outro).

é próprio da relação dual, portadora do bem querer sem lei da mãe, a língua materna é aquela na qual a mãe é proibida à criança, é a língua do interdito (C. Melman, in M.C. Laznik-Penot, op.cit.).

CONVENÇÕES: entonação descendente \ ; entonação ascendente / ; :: alongamento da sílaba, com ênfase na vogal; as sílabas sublinhadas indicam acentuação mais forte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRUNER, J. (1981) “The pragmatics of acquisition”, in Werner Deutsch (Ed) *The child’s construction of language*. London, Academic Press, p. 39-76.
2. BARINAGA, M. (1997) “New Insights Into How Babies Learn Language”. *Science*, vol. 277.
3. BOYSSON-BARDIES, B. DE (1996) “Comment la parole vient aux enfants”. Odile Jacob, Paris.
4. CASTARÈDE, M.F. (1991) *La voix et ses sortilèges*. Paris, Leas Belles Lettres.
5. DORE, J. (1976) “Conversational acts and the acquisition of language”, in OCHS, E. e SCHIEFFELIN, B. (Eds) *Developmental Pragmatics*. New York, Academic Press.
6. FERREIRA, S.M.O. (1990) *Interação mãe-bebê: os primeiros passos*. Dissertação de Mestrado, UFPE.
7. FERREIRA, S.M.O. (1995) *De l’interaction mère-bébé, au dialogue mère et bébé: lê epremier pás*. *La psychanalyse de l’enfant*, n. 16.
8. KUHL, P. K. e outros (1997) “Cross-Language Analysis of Phonetic Units in Language Addressed to Infants”, *Science*, vol. 277, p. 684-686.
9. LACAN, J. (1979) *O Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
10. LAZNIK-PENOT, M.C. (1997) *Rumo à Palavra*. Escuta, São Paulo.

11. LEVINSON, S.C. (1983) "Pragmatics". Cambridge Univ. Press, Cambridge.
12. MARCUSCHI, L.A. (1986) *Análise da Conversação*. Ática, São Paulo.
13. SACKS, H. SCHEGLOFF, M. e JEFFERSON, G. (1974) "A simplest systematics for the organization of turn-talking for conversation". *Language*: 50:4, 696-735.
14. Trabalho apresentado no II Congresso Nacional sobre o Bebê: Psicanálise e Interdisciplinaridade, Recife, setembro/2000
(versão, revista e ampliada, do trabalho apresentado no Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões-Trata-se uma criança (Rio de Janeiro, agosto/1998).